



Editorial

A filosofia de Johann Gottlieb Fichte (1762-1814), idealista alemão, é o tema/problema do dossiê do presente número da *Aurora*. Passados duzentos e um anos de sua morte, ao menos um evento acadêmico nacional, realizado em 2014, marcou de modo substancial a relevante efeméride. À sua vez, a *Aurora* penetra o circuito das comemorações ao apresentar nove artigos, que matizam aspectos relevantes do pensamento fichteano, desde a política, a estética, a ontologia, dentre outros. Além de relacioná-los a outras perspectivas filosóficas de modo a estender e atualizar o universo de conhecimento do filósofo. - O dossiê em pauta foi organizado por Federico Ferraguto e Giorgia Cecchinato.

Dossiê Fichte, entre Realismo e Idealismo

O artigo de abertura, “Liberté, égalité, fraternité – ‘Eu’, ‘Tu’, ‘Nós’. O filosofar político de Fichte”, de Günter Zöller, está dividido em duas partes. Na primeira, o Autor expõe “o caráter político do filosofar de Fichte”. Para tal movimento, recorre, inicialmente, ao mote hegeliano, lembrando que “Se a filosofia é [...] seu tempo apreendido em pensamento, então a relação de uma filosofia com seu presente [...] vale especialmente para aquela forma do filosofar que dispõe, com a comunidade estatal, de um objeto essencialmente variável e que, não raro, como ‘filosofia política’, reivindica, possui ou adquire ela mesma um caráter profundamente político.” Argumenta que somente “a virada historicista da filosofia moderna introduziu também na filosofia política uma

consciência de história e, especialmente, de historicidade, em cuja origem se encontra a diferença histórica entre antigos e modernos, entre antiguidade e modernidade. Com Vico, Montesquieu e Herder..." Continua a traçar o movimento "de um pensamento filosófico orientado historicamente, que entende a história como desenvolvimento, (que) encontra-se, depois dos primeiros esforços históricos e historicistas do século XVIII, no idealismo alemão, o qual reúne gênese histórica e sistema meta-histórico na concepção complexa de um sistema genético e de sua gênese sistemática." Identifica tais desdobramentos em Hegel e em Schelling, cada um a seu modo, e também em "Fichte, o terceiro principal representante do idealismo alemão, (que) compartilha a concepção idealista de desenvolvimento do espírito humano em geral e a apreciação histórico-filosófica do Estado em particular." A segunda parte do artigo de Zöllner encaminha-se para a investigação de cunho propriamente político do filosofar de Fichte, pois remete-se "ao tríplice lema da Revolução Francesa", como consta do título, "ao qual é correlacionada a tríade fichteana de 'Eu', 'Tu' e 'Nós'." Ao finalizar, o Autor "trata da posição e da função mediais e transitórias do político em Fichte, para quem o Estado nunca é fim em si mesmo, mas apenas meio para um fim."

O próximo artigo, "Fichte: o papa da novíssima estética?", de Giorgia Cecchinato, analisa dois contextos protagonizados por Fichte. Assim, o artigo movimenta-se pelo "intuito" de "questionar a identificação, feita pelos editores da obra completa de Fichte (*Fichte Gesamtausgabe*), da personagem principal de uma caricatura intitulada 'A estética mais nova', de 1803", como sendo o pensador alemão. O intento da autora é o de mostrar "o contexto a partir do qual a imagem deve ser interpretada", pois não é "o filosófico pós kantismo e do nascente idealismo", mas o da "querela literária entre Goethe e os românticos, de um lado, e o conservadorismo de Kotsbue, Nicolai, Merkel", de outro. Contudo, assegura a autora que a "análise dos dois contextos mostra que, diferentemente do que foi assumido pelos editores da obra de Fichte, ele não é protagonista da caricatura."

Na sequência, o artigo “La arquitectónica de la deducción de las categorías en el sistema fichteano de 1794/95”, de Emiliano Acosta, reconstrói e “analisa a estrutura sistemática da dedução fichteana das categorias”, na obra *Fundação de toda a Doutrina-da-Ciência* (1794-1795). Na primeira parte, Acosta cuida do sistema desenvolvido por Fichte, composto de “três grupos de categorias (relação, qualidade e quantidade)”, que, contrariamente a interpretação tradicional, “a categoria principal... é a categoria de determinação recíproca”. A seguir, trabalha com a noção de que “a dedução de Fichte implica a exclusão do sistema de categorias das categorias modais e da distinção kantiana entre categorias dinâmicas e matemáticas”. A segunda parte, apropriando-se dos “resultados alcançados”, analisa de modo crítico a “leitura convencional da dedução das categorias” fichteanas.

O quarto artigo na ordem sequencial do dossiê intitula-se “Sulla ontologia di Fichte”, de Marco Ivaldo. O Autor destaca os “traços fundamentais da ontologia” fichteana, que segundo sua “opinião... abre um novo caminho epistemológico”. O que favorece a construção da “compreensão do ser na forma de uma ontologia da consciência ou do saber”. Tal ontologia “difere tanto da gnosiologia, como da metafísica objetiva.” Assim, sob esta perspectiva, o “ser se apresenta... como correlato da consciência, como raiz da consciência e como existência da própria consciência.” Segundo Ivaldo, em Fichte é possível “encontrar a compreensão do ser... de maneira plural e unitária.” Ressalta-se que análise da ontologia fichteana no artigo em tela circunscreve-se a “Segunda Exposição”, da *Doutrina da Ciencia*, de 1804.

Em “O enigma da representação na *Crítica da Razão Pura*. Entre epistemologia e idealismo absoluto”, de Paulo R. Licht dos Santos enfoca os conceitos de dedução transcendental, representação, objeto, epistemologia e idealismo. Pois, de acordo com Santos, a “filosofia crítica apóia-se na noção de representação”, entendida como fundamento da investigação. Tal noção finda por “tornar-se um problema na Dedução Transcendental da *Crítica da Razão Pura*, ponto de partida de duas tradições distintas de apropriação da filosofia kantiana: a epistemologia e

o idealismo absoluto.” Neste ponto de desenvolvimento da argumentação, fez-se necessário o recuo para duas etapas da trajetória kantiana, objetivando melhor compreensão dos momentos estruturais do problema da representação, como se apresenta na Dedução Transcendental. Assim, recua-se para “a primeira *Crítica*: a Reflexão 1676 e a carta de Kant a Herz, de 21 de fevereiro de 1772.” O Autor garante que “a determinação da estrutura geral do problema permitirá... aferir os compromissos teóricos, que assumem cada uma das duas leituras da Dedução Transcendental”.

O artigo “Analítica e dialética na Primeira Filosofia de *Fichte*”, de João Geraldo Martins da Cunha, em primeiro movimento “mostra que tanto A. Philonenko quanto T. Rockmore, cada um a seu modo e por vias distintas, parecem relativizar a importância dos ‘princípios’ da *Doutrina da Ciência*.” Como hipótese, para ambos casos, Cunha registra que “talvez pudéssemos dizer que a relação Kant-Fichte seria avaliada em função da dialética da primeira *Crítica*”. Seja porque o “uso da lógica geral como *órganon* só pode ser dialético”, seja porque a “natureza hipotética da argumentação de Fichte deve nos levar a uma interpretação não fundacionista de sua *Doutrina-da-Ciência*.” O segundo movimento, “em contraposição a essas leituras, analisa três textos de Fichte” com a finalidade de indicar a possibilidade de defesa de uma “interpretação da *Doutrina-da-Ciência* como uma espécie de aprofundamento da transcendentalização da lógica operada por Kant na primeira *Crítica*.” Análise indicativa e esquemática, dado o horizonte do artigo. O que não impede a sugestão de oportunidade para outros desenvolvimentos, segundo o Autor.

No texto “Fichte e Jacobi sobre especulação e vida”, Hans Christian Klotz propõe a elucidação da polêmica entre os dois pensadores, ao tempo da ‘*Doutrina da Ciência nova methodo*.’ Pois, entre 1796 e 1799, Fichte apresentara a nova versão da doutrina da ciência, ao passo que a relação com Jacobi tomava relevância para o seu pensamento, que findou por influenciar “a concepção sistemática da doutrina da ciência”. O que esteve no centro da polêmica com Jacobi foi a relação entre “a “especulação” (ou “teoria”) e a “fé” no sentido das crenças que são indispensáveis na vida.” Fichte, durante a polêmica, mostrara

“afinidade com o pensamento de Jacobi” e, no mesmo passo, “uma distância crítica”. A elucidação em pauta deriva da afinidade para a divergência como fator determinante do pensamento de Fichte. Assim, a exposição divide-se em três movimentos. Primeiro, pelo resumo da concepção jacobiana de “especulação” e de “fé”, como fundamento da crítica de Jacobi a Espinosa, todavia da crítica a Fichte. Segundo, intenciona “mostrar que Fichte adotou elementos do pensamento de Jacobi de tal modo que estes se tornaram constitutivos da própria concepção da doutrina da ciência.” Por fim, esclarecer – mesmo sendo consensual – que “Fichte distancia-se de Jacobi” no tocante “à compreensão da relação entre “especulação” e “vida”. Contudo, “o distanciamento e a convergência com Jacobi revelam aspectos decisivos para a compreensão da metodologia da Doutrina da Ciência *nova methodo*.”

O artigo “A ontologia performativa de Fichte”, de Alessandro Bertinetto, interroga-se pela contribuição da filosofia de Alemão a conferida à ontologia? Em torno dessa questão, o Autor reflete que “Fichte posicionou-se contra a ontologia enquanto descrição dos entes”, e também posicionou-se “contra a ontologia descritiva.” Sob este horizonte filosófico, assevera Bertinetto que a “doutrina da ciência desenvolve... uma ontologia prescritiva, que pode ser entendida como um tipo de ‘ontologia performativa.’” Ilustrando: “Fichte é bastante crítico em relação ao conceito de ‘ontologia’”, por vezes, compreendida como “doutrina das coisas”. Ora, para Fichte, “a doutrina da ciência ‘não é doutrina do ser’ ou ‘doutrina das coisas.’” Porquanto, explica o Autor, “a metafísica crítica é contraposta à ontologia como doutrina descritiva de coisas, do mesmo modo como a filosofia transcendental é contraposta ao dogmatismo.” Abreviando, “metafísica crítica e ontologia performativa expressam, em Fichte, a mesma posição transcendental: o ser, ou o que aparece como ser, deve ser compreendido antes como esforço, como tornar-se e como *vida*”, como quer Fichte a partir de 1800. Pois, o que “é dado não é (em si), mas para e por nós (i.e., pela vida).” Concluindo, “a ontologia de Fichte deve ser compreendida primeiramente como uma ontologia performativa, visto que ela não assume qualquer coisa-em-si, mas apenas coisas construídas e postas pelo Eu, [...] entes construídos”. Vez, que “o Eu deve ser compreendido como

performance genética (i.e., como *Tathandlung*¹) que se desenvolve praticamente enquanto esforço, imagem, ou ainda, como fenômeno da vida e como vida.”

Federico Ferraguto assina o ensaio “Ser, saber, pensamento. A confrontação de Fichte com o realismo racional de Bardili e Reinhold”. O ensaio opera “uma interpretação da reflexão fichteana acerca da relação entre ser e saber”, como revisão e “complexa reação à interpretação da doutrina da ciência fornecida por Bardili, no *Compêndio de lógica primeira* (1800) e por Reinhold, nas *Contribuições* de 1801-1803.” Para verificação da hipótese “histórica e teórica, os elementos básicos da ontologia fichteana” são apresentados como “resposta à crítica da doutrina da ciência formulada por Reinhold no primeiro tomo das *Contribuições* de 1801,” a serem dispostos em “relação com os princípios do próprio realismo racional de Reinhold e Bardili.” De modo pontual, procede-se à análise do “problema da relação entre pensamento e ser (§ 2), o da aplicação do pensamento (§ 3) e a questão da cópula (§ 4).”

Em “A imaginação e a sua verdade”, Francisco Prata Gaspar propõe que o “objetivo do artigo é tentar compreender a noção de “única verdade possível”, sob interrogação acerca de sua relação próxima com a imaginação. Deste ponto, torna-se necessário “refazer a discussão de fundo”, que levou Fichte a “estabelecer a imaginação como atividade fundamental do espírito humano e fundamento da única verdade possível.” Porém, tal discussão se deu sob o confronto com o “ceticismo de Salomon Maimon”, que desde a crítica à filosofia kantiana, escrevera que “a realidade é produzida pela imaginação”, assim como fizera Fichte. Porém, “encara essa realidade, ao contrário da doutrina da ciência, justamente como uma ilusão.” Contudo, no “enfrentamento dessas questões, [...] virão à tona alguns motivos centrais da doutrina da ciência, como a exigência da dedução da lógica (e da lógica transcendental), bem como a crítica ao conceito kantiano de coisa em si”.

¹ Tradicionalmente, adota-se a tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho para *Tathandlung* como estado-de-ação (cf. FICHTE, J. G. *A doutrina-da-ciência de 1794 e outros escritos*. 2ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984, p. 43). Joãozinho Beckenkamp traduziu alternativamente por ato (cf. BECKENKAMP, J. *Entre Kant e Hegel*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004, p. 100). No que segue, optou-se por manter o termo no original, visto que o mesmo é assim correntemente utilizado pelos pesquisadores de Fichte em diversas línguas (N. do T.).

Encerrando o dossiê *Fichte*, Ulisses Razzante Vaccari, em “O Titã de Iena: a recepção de Fichte por Hördelin”, - mesmo sem pauta-se pelo viés epistolar -, relembra que Hegel em carta a Schelling referiu-se ao entusiasmo de Hördelin por Fichte pelas palavras: “Ele ouviu Fichte e fala dele com entusiasmo como um titã que lutaria pela humanidade”. Imagem, por certo, derivada da figura de Fichte orador. Eis um ponto de inflexão do artigo a procura do convencimento pela “importância da oratória na filosofia de Fichte, em particular nas preleções ministradas entre 1794 e 1795”, na Universidade de Iena. Em outra mão, refere-se a carta de Hördelin a Hegel, em que o aconselha: “As páginas especulativas de Fichte – *Fundação a toda a doutrina-da-ciência* – e também suas preleções impressas sobre o *Destino do Erudito* muito te interessarão.”

O *Fluxo Contínuo* do presente número da *Aurora* traz os artigos: “O que há de reducionismo no naturalismo biológico de Searle?”, de Tárík de Athayde Prata; “Arte, superstição e ‘filosofia’ no Renascimento, de Rogério Miranda de Almeida, e “Vilém Flusser – pós-história e biopolítica”, de André Brayner de Farias.

O presente número da *Aurora* encerra-se com a resenha SCHOPENHAUER, A. *Mundo como Vontade e Representação*: Tomo II, tradução de Eduardo Ribeiro da Fonseca, Curitiba, UFPR, 2014, de autoria de Lucas Piccinin Lazzaretti.

Boa leitura aos amantes da Filosofia!

Bortolo Valle (PUCPR)
Antonio José Romera Valverde (PUC-SP)
Léo Peruzzo Júnior (PUCPR)

